

## O SAMBA DE NOEL ROSA COMO EXPRESSÃO DAS CONTRADIÇÕES ENTRE O HIGIENISMO SOCIAL E O PROGRESSO NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO DO INÍCIO DO SÉCULO XX

**Roberto Gomes Monção Junior, Fabiana Felix do Amaral e Silva.**

Universidade do Vale do Paraíba/Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil, rgmoncao@yahoo.com.br, fabiana.amaral@univap.br.

**Resumo** - Este artigo se volta aos estudos da evolução urbana da cidade do Rio de Janeiro tendo como recorte temporal o último quartil do século XIX até meados do século XX, investigando as tensões sociais que se observaram no plano urbano por meio das canções populares de Noel Rosa, como crônicas destes processos. A partir dessa análise, essa pesquisa inscreveu-se na reflexão do samba como portador de narrativas que se apresentaram ora como resistência ora como submissão revelando-se como marcas não hegemônicas presentes na cultura popular brasileira naquele contexto.

**Palavras-chave:** Evolução urbana, canção popular, estudos culturais.

**Área do Conhecimento:** Ciências Sociais Aplicadas.

### Introdução

Essa pesquisa se aprofunda nas contribuições de estudos culturais que se interpõem por sua dimensão multidisciplinar quanto aos valores sociais e simbólicos do espaço urbano a partir do final do século XIX e meados do século XX.

Destaca-se para estes estudos a contribuição de Milton Santos (1978), quando o geógrafo considera que o espaço “*se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que se manifestam através de processos e funções*” (SANTOS, 1978, p. 122)

Quanto à tarefa de recortar esses acontecimentos pelo tempo, infere-se à pesquisa, a contribuição do geógrafo Milton Santos, quando este estabelece a relação do espaço com a memória e a cultura e estas interpostas às rupturas no cotidiano. (SANTOS, 1999, p. 264).

Quanto à cidade do Rio de Janeiro e aos aspectos observáveis em seu meio físico, sociais e culturais de sua população, a pesquisa se apóia em Canclini (2011), quanto aos valores constitutivos do espaço urbano, o conjunto de obras e as mensagens que materializam a história daquelas sociedades, que se tornam presentes na arquitetura e na música.

Em relação à memória coletiva, Maurice Halbwachs (1990) vai determiná-la por meio das lembranças que o indivíduo traz para si. Destacando-se assim a memória coletiva a partir das lembranças compartilhadas pelos atores sociais do plano urbano, motivados por suas experiências comuns vividas no território.

## Metodologia

A pesquisa pauta-se em análise quali-quantitativa, baseada na revisão bibliográfica, análise documental e de dados. Como procedimento metodológico busca-se a relação entre aspectos da urbanização e a espoliação urbana, buscando-se identificar as contradições, quais foram as estratégias de luta à moradia dessas populações.

## Resultados

Na modernidade, a cidade-corpo, o território da existência, lugar da construção de subjetividades, a mobilidade veloz é, contraditoriamente, produtora de imobilismos. Será nesse contexto entre doenças (como a febre amarela, em que todo mundo se acautela) que a vida cotidiana se constrói sob a ótica de Noel Rosa na canção *Minha Viola* de 1929.

### **Minha viola – Noel Rosa - 1929**

Ta chorando com razão  
Por causa duma marvada  
Que roubou meu coração  
(...)  
Nesta cidade todo mundo se acautela  
Com a tal de febre amarela que não cansa de matá  
E a dona Chica que anda atrás de mal conselho  
Pinta o corpo de vermelho  
Pro amarelo não pegá

O viver moderno do Rio de Janeiro conduziu a uma transformação cultural e nos significados das experiências, provocando muitas vezes o desaparecimento de outras formas de vivência. Todavia, há aquelas que se mantiveram residuais, convivendo com experiências emergentes (MONÇÃO JUNIOR, 2015).

A canção *São Coisas Nossas* (1932) de autoria de Noel Rosa, revela a imagem do “bonde”, símbolo de modernidade naquela época, equiparada à imagem da “carroça,” signo de atraso e declínio. Percebe-se que de um lado, uma ideologia homogeneizadora que apontava para a modernidade de modo absoluto, de outro, este processo não ocorria pela simples substituição de padrões, mas pela redefinição dos elementos tradicionais; um ajustamento da sociedade que comportava, ao mesmo tempo, resistência e/ou inconformismo.

### **São coisas nossas – Noel Rosa - 1932**

(..)  
O samba, a prontidão e outras bossas  
São nossas coisas  
  
Malandro que não bebe, que não come  
Que não abandona o samba, pois o samba mata a fome  
Morena bem bonita lá da roça

(...)  
Baleiro, jornalista, motoneiro  
Condutor e passageiro  
Prestamista e vigarista  
**E o bonde que parece uma carroça**  
**Coisa nossa, muito nossa**

(...)

Menina que namora na esquina e no portão  
Rapaz casado, com dez filhos, sem tostão  
Se o pai descobre o truque, dá uma coça  
Coisa nossa, muito nossa

(...)

As imagens do “bonde” e da “carroça” apresentam duas realidades que se chocam perfazendo uma crítica quanto às mudanças substanciais que envolviam tanto a aparência quanto o conteúdo das modificações urbanas que o Rio de Janeiro vivenciava à época. Contexto também presente na canção *Você, por exemplo* de Noel Rosa de 1933.

### ***Você, por exemplo – Noel Rosa – 1933 com Francisco Alves***

Há muita gente que apesar do pincinê  
Passa por nós, dá esbarrão e não nos vê  
Anda depressa mas vai sempre com atraso

(...)

Pega o automóvel vai parar não sei aonde  
Você, por exemplo, você por exemplo, não anda de bonde.

E muita gente que só sabe dar palpite  
Que tem cabeça, mas já teve meningite  
E tanta gente vive bem sem um pulmão  
Você, por exemplo, você por exemplo, não tem coração.

Ao observarmos a utilização das imagens do automóvel e do bonde como signos do progresso, a canção aponta a mobilidade como aspecto subjacente ao progresso - discurso em voga na época, mesclado à degeneração, que poderia ser física e também moral, por meio das doenças epidêmicas e de seus males presentes no plano urbano. As classes desfavorecidas passavam a ser observadas como classes que ofereciam perigo à sociedade e eram vistas como uma representação de doença contagiosa, demandando assim intervenção pública e “melhoramentos” urbanos.

## **Discussão**

Desde fins do século XVIII e início do século XIX, uma nova concepção de natureza apontava uma mudança fundamental na sociedade como um todo. De um lado os auspícios de uma visão racional emoldurada nos valores do surgimento do capitalismo a partir de seu espírito (WEBER, 1950) e do outro, de forma dual, a visão anímica da natureza, embasada nos valores positivistas e evolucionistas, formavam o ideário da classe dominante daquela época no Brasil.

A relação entre os estudos da anatomia de William Harvey e a aplicação dos sentidos do corpo ganhou vida em meio à organização social no século XVIII. De acordo com Sennet (1997, p. 220), palavras como “artéria” e “veias” começaram a fazer parte do vocabulário urbano, assim as estruturas viárias correspondiam a “artérias da cidade”.

Será nessa perspectiva que a eugenia despontará em meio a essa concepção naturalista de planejamento urbano.

Foi justamente nesta época que projetos de esterilização eugênica de grupos humanos foram transformados em lei e implementados em vários países como a Suíça (no cantão de Vaud em 1928), a Dinamarca (1929), a Suécia e a Noruega. Nos Estados Unidos, esta era a prática mais antiga e em alguns estados americanos essas leis já existiam desde 1919. (GOULD, 1981, p.335)

Desta forma, a cidade como corpo social é analisada como espaço que precisa ser “ordenado”, disciplinado, pois pode conter desordem e atraso, principalmente no tocante às péssimas condições de vida dos mais pobres.

## Conclusão

A partir das contribuições dos estudos culturais quanto aos valores sociais e simbólicos do espaço urbano da cidade do Rio de Janeiro e suas transformações a partir do século XX, e por meio das percepções que Noel Rosa teve da cidade neste período, o que chama atenção são os aspectos da formação discursiva que se materializaram no território quanto ao retrato das distintas realidades sociais e das respectivas experiências que foram vivenciadas por seus habitantes em meio à evolução urbana da cidade do Rio de Janeiro.

## Referências

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas**: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

GOULD, S. J. (1981). *The mismeasure of man*. New York: W.W. Norton & Company.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Vértice/Revista dos Tribunais, São Paulo, 1990. Tradução de La mémoire collective por Léon Schaffter.

MONÇÃO JUNIOR, R. G.; GUIMARÃES, A. C. M. Representações Não-Hegemônicas do processo de urbanização de São Paulo: um estudo sobre as canções de Adoniran Barbosa e Paulo Vanzolini. ...**Anais ENANPUR**, v. 16, n. 1, 2015.

PIRES, H. F. Planejamento e intervenções urbanísticas no Rio de Janeiro: a utopia do plano estratégico e sua inspiração catalã. Biblio 3W. **Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales**. Universidad de Barcelona, v. 15, n. 895, p. 13, 2010.

SANTOS, M. **Por uma geografia nova**. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1978.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: espaço e tempo: razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1999.

SENNETT, R. **Carne e pedra o corpo e a cidade na civilização ocidental**. Editora Record, 1997.

SMITH, A. **A Riqueza das Nações-Adam Smith**. v.1. Diadema: LeBooks Editora, 2020.

WEBER, M. **The protestant ethic and the spirit of capitalism**. Londres: Butler and Tunner Ltd., 1950.